

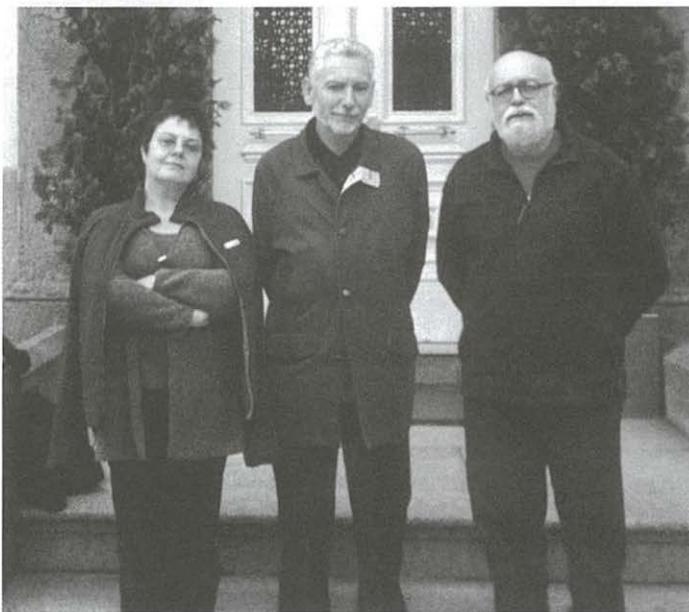
NOTICIÁRIO

Investigadores franceses das áreas da Antropologia e Pré-história no Porto

Em Outubro/Novembro último, passaram pelo Porto, a convite do DCTP-FLUP (Departamento de Ciências e Técnicas do Património da Faculdade de Letras da U.P.) dois antropólogos e um pré-historiador franceses, tendo cada um deles pronunciado duas conferências na FLUP, as quais encheram anfiteatros. Esta iniciativa teve a colaboração da Embaixada de França e do Instituto Francês do Porto. Foram eles: Philippe Descola, Jean Clottes e Marc Augé.

Os temas que abordou Philippe Descola foram os seguintes (dias 17 e 18 de Outubro de 2002, respectivamente):

- "Ontologies et variations culturelles"; e
- "Le sauvage et le domestique".



Philippe Descola com V. e S. Oliveira Jorge, à porta do Círculo Universitário do Porto

Philippe Descola nasceu em 1949 em Paris. É director de estudos na Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais (EHESS) e dirige o Laboratório de Antropologia Social (Colégio de França, EHESS, CNRS). Foi eleito em 2001 como professor do Colégio de França – cátedra de “Antropologia da Natureza”. A sua lição inaugural versou então o tema: “Onde acaba a natureza? Onde começa a cultura?”.

Entre 1976 e 1979, estudou detalhadamente a vida dos índios “jívaros” Achuar, na fronteira do Equador com o Peru.

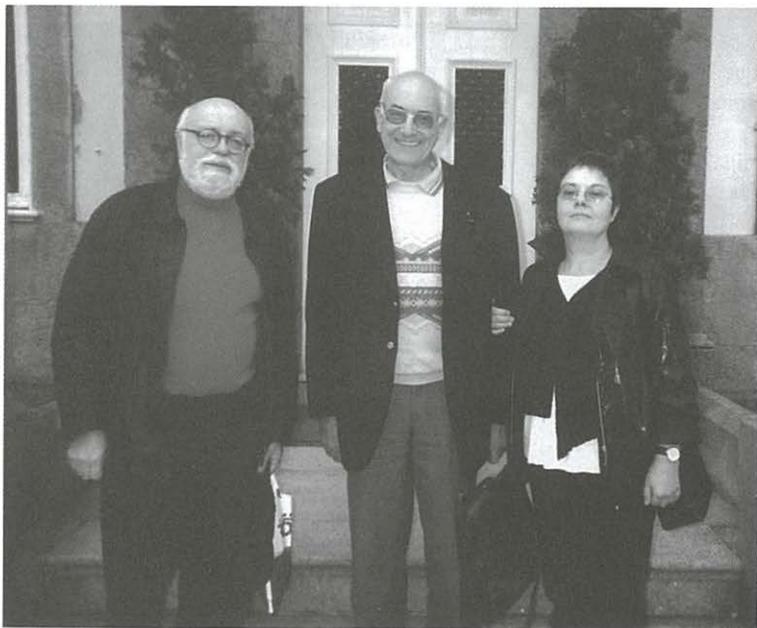
A sua tese de doutoramento, elaborada sob direcção de Claude Lévi-Strauss, aborda esse povo, sob o título de “A Natureza Doméstica. Simbolismo e Praxis na Ecologia dos Achuar” (1986).

Em 1993 (2ª ed., 2000) publicou “As Lanças do Crepúsculo. Relações dos Jívaros, Alta Amazónia” (obra de bolso, de leitura extremamente agradável).

O autor define o seu próprio trabalho como uma “antropologia comparativa dos modos de socialização da natureza.” Trata-se de estudar “as diferentes maneiras como os homens concebem, categorizam e vivem as suas relações com o mundo que os rodeia.” (J. Souty – v. entrevista dada pelo autor à revista “Sciences Humaines”, nº 121, Novembro de 2001, pp. 40-43).

Quanto ao pré-historiador Jean Clottes, tratou das seguintes questões, nos dias 7 e 8 de Novembro, respectivamente:

- “A Grutra Chauvet, hoje”; e
- “Os xamãs das cavernas”.



Jean Clottes com V. e S. Oliveira Jorge, à porta do Círculo Universitário do Porto

Jean Clottes é um dos grandes especialistas mundiais de arte rupestre, e em particular de arte paleolítica. Foi Conservador geral do Património, e Presidente do Comité Internacional de Arte Rupestre (ICOMOS). Actualmente, está encarregado da direcção da equipa que estuda a gruta Chauvet – uma das mais significativas descobertas dos anos 90 neste âmbito. Publicou numerosos livros sobre o tema, nomeadamente sobre a gruta de Niaux, a gruta Cosquer, a gruta Chauvet, etc.

Em 1998, juntou uma grande série de artigos num livro importante, “Viagem na Pré-história” (“Voyage en Préhistoire”), publicado pela editora “La Maison des Roches” (Paris), cuja leitura se recomenda. Com David Lewis-Williams, assinou em 2001 (na mesma editora) a segunda edição, de bolso, do livro “Les Chamanes de la Préhistoire”, que tem a particularidade de incluir a resposta às críticas que a primeira edição da obra suscitou.

Finalmente, Marc Augé tratou, nos dias 21 e 22 de Novembro, respectivamente, dos seguintes temas:

- “Espaço e sociedade”; e
- “Por uma antropologia das finalidades”.



Marc Augé com V. e S. Oliveira Jorge, à porta do Círculo Universitário do Porto

Marc Augé é Director de Estudos na Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais (EHESS), Paris – Centro de Antropologia dos Mundos Contemporâneos (“Lógica Simbólica e Ideologia”). Dirigiu, aliás, durante muitos anos, esta instituição.

Apenas alguns dos muitos livros de que é autor: "Symbole, Fonction, Histoire", Hachette, 1979; "Génie du Paganisme", Gallimard, 1982; "Un Ethnologue dans le Metro", Hachette, 1986; "Le Dieu Objet", Flammarion, 1988; "Domaines et Châteaux", Seuil, 1989; "Non-Lieux", Seuil, 1992 (traduzido em português – "Não-Lugares", Bertrand, 1994); "Le Sens des Autres", Fayard, 1994; "Pour une Anthropologie des Mondes Contemporains", Aubier, 1994; "Fiction Fin de Siécle", Fayard, 2000; "As Formas do Esquecimento", Almada, Íman Ed., 2001; "Journal de Guerre", Ed. Galilée, 2002. Marc Augé tem ainda um outro livro traduzido em português, "A Guerra dos Sonhos", Celta, 1998. Também se podem encontrar, nas ed. 70, dois livros dirigidos por ele (os que inauguram a colecção "Perspectivas do Homem"): "A Construção do Mundo" (1978) e "Os Domínios do Parentesco" (1978).

Estes três investigadores trouxeram a um Outono algo cinzento bastante satisfação e prazer intelectual. Poder conviver com eles durante uns dias foi factor de enriquecimento. Estes contactos inserem-se numa longa tradição de colaboração da UP com a cultura francesa, que esperamos tenha continuidade em 2003 e anos seguintes.

Vítor Oliveira Jorge